

A black and white portrait of Bernard Madoff, an older man with glasses and a dark suit, looking directly at the camera with a serious expression.

O PRISIONEIRO 61727054

Sai em livro a reconstituição da vida de Bernard Madoff, filho de um pai falido que virou lenda no mercado até explodi-lo com a maior fraude financeira de todos os tempos

ANDRÉ PETRY, DE NOVA YORK

Em quatro décadas, o financista Bernard Madoff virou uma lenda de Wall Street. Em 1960, antes de completar 22 anos, abriu sua empresa com as economias que juntara fazendo bico como salva-vidas no litoral de Nova York. «A empresa tinha dois funcionários: ele e a mulher, Ruth, três anos mais nova, que trabalhava como secretária. Madoff começou aplicando dinheiro de “parentes e amigos”. Na brutal crise de 1962, saiu incólume, para satisfação de seus clientes, e passou a chamar a atenção de outros investidores. Nos anos 70, sua boa fama chegou aos ouvidos — e bolsos — dos abastados membros da comunidade judaica. Na década seguinte, já estava representando um grupo de milionários franceses e seu patrimônio pessoal era admirável. Seus filhos, Mark e Andrew, recém-credenciados como corretores, começaram a trabalhar na empresa do pai. Nos anos 90, Madoff já tinha posição proeminente no mercado, presidira a Nasdaq, a bolsa eletrônica de Nova York, e estava na lista das maiores empresas de Wall Street. Nessa época, atraiu investidores de fundos bilionários dos Estados Unidos e expandiu-se pelo mundo, com clientes na Europa, Japão, América Latina, Oriente Médio e paraísos fiscais do Caribe. Em 2000, ao atravessar sem um arranhão

o estouro da bolha tecnológica, sua mística de gênio do mercado chegou ao máximo. Suas aplicações tinham rendimento até modesto, de 8% a 12% ao ano, mas a pontaria era absolutamente espetacular: elas não davam prejuízo nunca.

No dia 10 de dezembro de 2008, na vertigem da maior crise financeira desde os anos 30, Bernard Madoff, o bruxo de Wall Street, o mago das finanças, o gênio do mercado, resolveu reunir a família e contar que era tudo mentira. Na empresa, Madoff chamou os dois filhos e convidou-os para ir até a sua cobertura duplex. Ligou para Ruth e a avisou da reunião de família. Ao chegar com os filhos, foi recebido pela mulher. Sentaram-se os quatro no elegante escritório da cobertura, decorado com pinturas marinhas. Madoff contou então que era uma farsa. Havia décadas, ele vinha operando um esquema de pirâmide financeira, remunerando o primeiro cliente com o dinheiro do segundo, o segundo com o dinheiro do terceiro, e assim por diante — sem jamais produzir rendimentos reais. Não existiam aplicações de verdade. Era tudo uma fraude gigantesca. Madoff chora, diz que vai se entregar à polícia em uma semana, depois de mandar cheques devolvendo dinheiro para parentes e amigos mais próximos. Ruth e os filhos choram, estão em estado de choque. Mark está furioso. Andrew está prostrado. De repente, Andrew curva-se no chão, às lágrimas, depois levanta-se, abraça o pai com ternura. O chão



MARY MATHIAS/AP



GETTY IMAGES

A FAMÍLIA QUE NÃO EXISTE MAIS

Na foto maior, Madoff, um mês depois de ser preso, denunciado pelos próprios filhos. Ruth, logo após ouvir a sentença do marido, que pegou 150 anos. Os filhos Andrew e Mark (de óculos), no verão de 2007, quando a vida ainda era dourada. Mark se suicidou no ano passado. Sua mãe foi impedida de ir à cremação

saiu dos pés. O mundo desabou. Mais tarde, Andrew vai lembrar esse momento — a última vez que a família se reuniu — como uma “traição de pai para filho de proporções bíblicas”.

A trajetória de Madoff, do começo da vida como filho de um pai que pulava de falência em falência até o fim numa prisão na Carolina do Norte, está minuciosamente descrita no livro *The Wizard of Lies* (O Gênio das Mentiras), da jornalista Diana Henriques, que chegou às livrarias americanas na semana passada. A autora, que cobriu o escândalo Madoff para o jornal *The New York Times*, é a primeira jornalista a entrevistar o fraudador depois da queda. Esteve com ele na prisão federal de Butner, na Carolina do Norte, em duas oportunidades, em agosto de 2010 e em fevereiro passado. O acesso exclusivo ao criminoso é o ponto alto do livro. Graças a isso, fica-se sabendo que a primeira trapaceada de Madoff aconteceu já na crise de 1962. Ele não a atravessou incólume, como parecia. Ele faliu. Investiu o dinheiro de “parentes e amigos” em aplicações de alto risco, o que era irregular, e perdeu. Para esconder o rombo e a ilegalidade que cometera aplicando onde era proibido, pediu 30.000 dólares ao sogro, cobriu as perdas dos clientes e deixou todo mundo pensando que navegara a crise com seus primeiros lampejos de genialidade. Nos anos 80, ajudou bilionários a enganar o Fisco e evadir divisas, sobretudo na França do socialista François Mitterrand. Mas as entrevistas não esclarecem a data do início da pirâmide financeira. Ele diz que começou tudo em 1992, mas pode ter sido bem antes, nos anos 80.

A empresa de Madoff ocupava três andares de um edifício em Nova York. Em dois, funcionava a empresa de verdade, legal, onde seus filhos trabalhavam. No outro andar, operava a máquina de fraude, sob o disfarce de central de dados. Ali, com pouquíssimos cúmplices, Madoff tinha programas de computadores que falsificavam extratos, recibos, tudo. Tinha até programa para simular as operações que dizia fazer em Wall Street e no mercado europeu. Quem sentasse à frente da tela do computador via as operações de Madoff sendo registradas em tempo real — mas era tudo mentira, uma simulação concebida por Frank DiPascali, um

A CASSANDRA DE MADOFF Markopolos, analista financeiro de Boston, descobriu a fraude anos antes, denunciou-a repetidas vezes mas ninguém ouviu

falsário, esse, sim, genial. Apesar da sofisticação, a fraude era elementar. Para desmascará-la, bastava checar a autenticidade das operações com a contraparte em Wall Street ou na Europa. Mas esse passo banal nunca foi dado. Numa investigação, Madoff chegou a entregar aos fiscais uma lista de seis páginas relacionando as entidades com as quais teria negociado. Uma aposta arriscadíssima. “Pensei que era o fim do jogo, que tudo estava terminado”, diz ele. Durante três meses, ele esperou o dia em que um fiscal ligaria dizendo que não encontrara operação nenhuma. O dia nunca chegou. A Securities and Exchange Commission (SEC), fiscal do mercado, levou uma anolítica saraivada de bolas nas costas. Recebeu seis denúncias claras sobre as fraudes de Madoff. Ignorou todas. O analista financeiro Harry Markopolos, de Boston, descobriu a trama oito anos antes da explosão. Fez repetidas denúncias à SEC. Foi tratado como um amalucado excêntrico.

Madoff construiu a primeira pirâmide financeira de dimensões globais. Quando veio abaixo, incinerou 64,8 bilhões de dólares em papel e cerca de 20 bilhões de dólares em moeda sonante. Entre os

20.000 turgados, há vítimas de todas as latitudes. Há gente de classe média, como a viúva que aplica a pensão do falecido, e bilionários diversos, como banqueiros suíços, aristocratas franceses ou nababos de Dubai. A família Madoff também é uma vítima de seu patriarca. Naquele dezembro de 2008 em que souberam da fraude, os filhos Mark e Andrew denunciaram o caso às autoridades e o pai foi preso no dia seguinte. Nunca mais pais e filhos se reencontraram. Naquele primeiro Natal, Ruth e Madoff, solto sob fiança mas com os bens bloqueados, mandaram de presente para os filhos joias pessoais que estavam em casa, junto com um cartão de desculpas e saudades. Os filhos entregaram as joias para a polícia e não responderam ao cartão. Em fevereiro de 2009, nasceu o quarto filho de Mark, que os avós não foram autorizados a conhecer. Em dezembro de 2010, no dia do aniversário de dois anos da prisão do pai, Mark suicidou-se no seu apartamento. Seu corpo foi cremado numa cerimônia privada à qual a mãe não pôde ir. Madoff foi condenado a 150 anos de prisão. É o prisioneiro número 61727054. É proibido de gastar mais do que 290 dólares por mês na cantina do presídio.

